



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

Artigo recebido até 15/01/2012  
Aprovado até 15/02/2012

## O FUNCIONAMENTO SEMÂNTICO-ENUNCIATIVO DE MARCHA PARA O OESTE<sup>1</sup>

---

*Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira<sup>2</sup>*

(UNICAMP/FUNCAMP)

rosiregio@yahoo.com.br

Analisaremos o funcionamento da expressão “marcha para o Oeste” em um texto do jornal o Estado de Mato Grosso publicado em 1940. No Brasil<sup>3</sup>, essa expressão teve grande circulação, especialmente no período compreendido entre 1939 e 1945, como uma proposta governamental apresentada pelo então presidente Getúlio Vargas. Conforme Villas Bôas e Villas Bôas (1994), tratava-se de um impulso expansionista liderado pelo próprio governo com o propósito de desbravar o sertão do Brasil Central e visava a investida da população das outras regiões, especialmente da “faixa litorânea” do Brasil para a Centro-Oeste. De acordo com Lenharo (1986: 56) a “Marcha para o Oeste”, “foi calcada propositadamente na imagem da Nação que caminha pelas próprias forças em busca de sua concretização”. Segundo o autor (*ibidem*) “procede do discurso de Vargas a afirmação de que a conquista da brasilidade seria ultimada através da interiorização do país: ‘O verdadeiro sentido da brasilidade é a marcha para o oeste’”. Buscaremos compreender como a expressão “marcha para o Oeste” é mobilizada nesse acontecimento e que sentidos essas relações possibilitam evidenciar.

---

<sup>1</sup> Este texto teve início no Mestrado, sob orientação do professor Eduardo Guimarães, e posteriormente foi revisto, sendo acrescentadas algumas reflexões e análises.

<sup>2</sup> Mestra e Doutoranda em Linguística pelo IEL/Unicamp, sob orientação do Prof. Dr. Eduardo Guimarães. Orientadora Educacional pela FUNCAMP.

<sup>3</sup> Digo no Brasil, porque nos Estados Unidos da América no início do século XIX houve um movimento político também chamado “marcha para o Oeste”.



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

No texto que foi publicado no jornal O Estado de Mato Grosso será analisado o funcionamento da expressão “Marcha para o Oeste” na relação com a palavra “progresso”. Interessou-nos analisar os sentidos apresentados nessa relação, porque ao observar, nos textos daquele jornal, o funcionamento da expressão “marcha para o Oeste”, a ocorrência da palavra “progresso” juntamente com ela foi uma constante.

Analisar esse *acontecimento enunciativo* (GUIMARÃES, 2002) é para nós, a partir da consideração de que a linguagem não é evidente, observar como esses termos eram mobilizados e produziam sentidos em um momento histórico determinado.

### **Pressupostos teóricos**

A análise que desenvolvemos está fundamentada na Semântica do Acontecimento, desse modo, somente podemos apresentar os sentidos das palavras e/ou das expressões a partir da observação delas nos enunciados (DUCROT, 1987) e, ainda, pela relação que elas têm com o *acontecimento* em que funcionam (GUIMARÃES, 2002). Nossa unidade de análise é o *enunciado* no qual as palavras funcionam pela *enunciação* e enquanto elementos de um texto, considerando que é a enunciação que constrói as relações de sentido na língua.

Para nossas análises, pelo viés que adotamos, a noção de *acontecimento*, tal como estabelecida por Guimarães, é fundamental. Conforme Guimarães (2002, 11) “algo é acontecimento enquanto diferença na sua própria ordem”. O autor define a enunciação, como um *acontecimento* de linguagem que funciona por projetar em si mesmo um futuro e, por outro lado, por ter um passado enquanto memorável, que o faz significar. Ele considera o passado enquanto memorável, não enquanto lembrança (individual), mas enquanto rememoração de enunciações; e o futuro como “o tempo da interpretação” (*idem*, 2011, 35). Tomamos o texto publicado em dezembro de 1940 no jornal o Estado de Mato Grosso como *acontecimento* de linguagem e que, como tal, está determinado por acontecimentos anteriores e posteriores.

Nesse acontecimento de linguagem analisamos o sentido da expressão “marcha para o oeste” e da palavra “progresso” apresentando sua *designação*, que de acordo com



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

Guimarães (2002) é a significação de um nome remetida ao real e enquanto uma relação com outros nomes tomada na história. É, portanto, algo lingüístico e histórico. Conforme Guimarães, apresentar a *designação* é dizer com que outras palavras o nome se relaciona, apresentando seu Domínio Semântico de Determinação (DSD) (GUIMARÃES: 2002; 2004a; 2004b, 2006).

Além dos conceitos apresentados acima há também dois procedimentos imprescindíveis para o desenvolvimento dessa análise, são eles a *reescrituração* – esse procedimento se refere ao modo como a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito fazendo interpretar uma forma como diferente de si e atribuindo (predicando) algo ao reescriturado – e a *articulação* – procedimento que considera as relações de proximidade, "de como o funcionamento de certas formas afetam outras que elas não redizem" (GUIMARÃES 2004a: 8) –, procedimentos fundamentais que constituem a enunciação. Estudar a enunciação é tratar do sujeito que enuncia, pois a *enunciação* é um *acontecimento* no qual ocorre a relação do sujeito com a linguagem. Ela deve ser considerada num espaço em que o sentido é constituído historicamente.

Partindo dessa relação entre sujeito e língua é que Guimarães desenvolve o conceito de *espaço de enunciação*, que “são espaços de funcionamento de línguas, que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante” (GUIMARÃES, 2002, p. 18). Esses espaços de disputa pela palavra são *espaços políticos*. Sendo o político a contradição que instala o conflito no centro do dizer, “ele se constitui pela contradição entre a normatividade das instituições sociais que organizam desigualmente o real e a afirmação de pertencimento dos não incluídos” (*ibidem*, p. 17). Sendo o *espaço de enunciação* um espaço de disputa pela palavra, espaço político, portanto.

A noção de *espaço de enunciação* é essencial para pensar a *cena enunciativa*, sendo essa “um espaço particularizado por uma deontologia específica de distribuição dos lugares de enunciação no acontecimento” (GUIMARÃES, 2002, p. 23). Conforme o autor, os lugares de enunciação são configurações do *agenciamento enunciativo* para “aquele que fala” e “aquele para quem se fala”, mas são lugares constituídos pela linguagem não pelas pessoas. Esses lugares se constituem pelo funcionamento da língua e são distribuídos pela



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

temporalização própria do acontecimento. Desse modo, “assumir a palavra é pôr-se no lugar que enuncia, o lugar do Locutor”, é representar-se como origem do dizer, porém para se colocar nesse lugar é preciso antes ocupar um lugar social de locutor, estando afetado pelos lugares sociais autorizados a falar (GUIMARÃES, 2002, p. 24).

### **O Locutor e seu lugar social**

No texto analisado é apresentado um autor e especificado o lugar autorizado de onde ele fala “do Conselho Nacional de Geografia”. Há, então, um locutor-geógrafo ou alguém que, por alguma razão, ocupa esse lugar e que, nesse caso, ao apresentar possibilidades para a realização da “marcha para o Oeste” o faz de um lugar social autorizado. Desse modo, embora o texto seja um artigo jornalístico o que o locutor diz é legitimado pelo lugar ocupado ou representado por esse sujeito.

O texto “Como tornar pratica a marcha para o Oéste” foi escrito por Ildefonso Escobar, do Conselho Nacional de Geografia, e publicado em 01/12/1940. Assim como os outros textos analisados, esse tem início na segunda página do jornal, porém diferencia-se dos outros por ter continuidade na página três. O texto é desenvolvido tratando da “marcha para o oeste” e da necessidade de ser desenvolvida a navegação para o Oeste.

Além de apresentar um locutor-jornalista como lugar social de enunciação, e que assina o texto, apresenta logo abaixo do nome uma pequena nota entre parênteses indicando que o redator integra o “Conselho Nacional de Geografia”. Logo, não se trata de qualquer um, mas de alguém “constituído como lugar social e locutor” (Guimarães; 2002, 24) enquanto “autoridade” em Geografia.

A cena enunciativa reforça, nesse acontecimento, que o jornal em questão tem um espaço que recebe contribuições referentes à “marcha para o Oeste” e até mesmo sugestões que possam facilitar sua realização. Nesse caso, sugestões de quem ocupa um lugar social que lhe permite assumir a palavra e que legitima o que está sendo dito, um lugar de locutor-geógrafo que apresenta uma proposta para a “ocupação” do Oeste a partir da realização da “marcha para o Oeste”.



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

### A designação de *Marcha para o Oeste*

Ao longo do texto a “marcha para o Oeste” é reescriturada por repetição diversas vezes. Em seus aparecimentos vem articulada como segue:

<i>Como tornar pratica a marcha para o Oeste</i>
<i>a marcha para o Oeste, terá a Inestimável vantagem de atender a uma necessidade política, econômica e social sul-americana, (...)será a propulsora de formidável progresso comum.</i>
<i>O Brasil, marchando para o Oéste abrirá passagem franca para o Oceano</i>
<i>... em cada ponto de escala da grande via líquida, surgirá um núcleo de irradiação da marcha para Oéste</i>
<i>O Brasil resolvendo diretamente o seu grande problema da marcha para Oéste, concorrerá indiretamente para o imediato progresso de povos vizinhos,</i>
<i>...travessia de milhares de léguas, por que nós, na época da eletricidade, do motor de explosão e do rádio, não poderemos melhorar essa grande via, fazer as indispensáveis ligações e aplica-la na marcha para Oéste e ao progresso da América do Sul?</i>
<i>E a não ser essa solução, a marcha para Oéste só será realizada pela segunda ou terceira geração vindoura depois do ano de 2000, quando o Brasil possuir população que ultrapasse de 100 milhões de habitantes</i>
<i>a realização de um objetivo civico – a marcha para Oéste.</i>
<i>Couto de magalhães não prosseguiu na marcha para Oéste, porque lhe cortaram uma subvenção de 30 contos e a navegação a vapor do Araguaia paralisou-se...</i>
<i>Com energia, inteligência e patriotismo, o novo Couto de Magalhães – que é o Presidente Vargas – fará ressurgir a obra do grande pioneiro da marcha para Oéste.</i>

A marcha é também reescriturada por condensação em:

<i>Nessa marcha, dezenas de milhares de selvagens brasileiros, que habitam as florestas, serão conduzidos à civilização para cooperarem pela grandeza do Brasil.</i>
--



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

*a marcha será feita pelo recalçamento das massas humanas do litoral sobre as do centro do país.*

*... a época é de dinâmica social, é de iniciar uma marcha cujos proventos deverão gozar as gerações vindouras*

A palavra progresso também aparece reescriturada algumas vezes e uma vez, ao longo do texto, está articulada de maneira direta ao nome “marcha para o Oeste”:

*formidável progresso comum.*

*mais vasta e fecunda via de progresso do Planeta;*

*o imediato progresso de povos vizinhos,*

*na marcha para Oéste e ao progresso*

*grandeza, riqueza e progresso da imensa região*

O título “Como tornar prática a marcha para o Oeste” aparece como uma forma de explicação a ser transmitida por alguém que se propõe a apresentar uma maneira para facilitar a realização da “marcha para o Oeste”. A marcha, de acordo com essa expressão, já está ocorrendo, porém deve ser tornada “prática”. Pelo próprio título o texto deve ser, então, uma espécie de legitimação e de sugestão à “marcha para o Oeste”.

Já no primeiro parágrafo é apresentada uma e “única solução” para se “tornar prática a marcha para o Oeste” que é realizando *a ligação das duas imensas bacias fluviais do Amazonas e do Prata*. Ao longo do texto “a marcha para o Oeste” que aparece desde o título é reescriturada muitas vezes. A primeira reescritura ocorre no segundo parágrafo por repetição “a marcha para o Oeste” numa expressão que argumenta em favor da solução que fará *anteceder de um século a marcha para o Oeste* e como qualificação à “marcha” que será *a propulsora de formidável progresso comum*.

Nesse conjunto de expressões, a palavra “progresso” aparece numa relação de determinação em que formidável ⊢ progresso ⊢ comum (progresso aparece determinado por formidável e por comum). O domínio do que progresso *designa* aparece predicado por uma diferença hierarquizada que vai de formidável/excelente (positivo) a péssimo

(negativo) e qualificado por “comum”. Nesse caso progresso compõe o que seja formidável, porém que não se trata de um progresso qualquer, mas de um “progresso comum”, ou seja, que pertence a todos ou a muitos, nesse caso, às *varias nações do Continente sul-americano*.

No terceiro parágrafo ocorre uma outra reescritura da “marcha para o oeste”, porém, o nome “marcha” aparece na forma verbal impessoal de gerúndio “marchando”, numa expressão verbal e definida da seguinte forma: *O Brasil, marchando para o Oeste*. A ação de marchar, nesse caso, não é realizada por qualquer um, mas “pelo Brasil” que é tomado metonimicamente em substituição ao “povo do Brasil”, que marchando para o oeste *abrirá passagem franca para o Oceano e todas as nações mediterrâneas da América do Sul (...)*. Essa expressão apaga a divisão geográfica que constitui o Oeste como região que compõe o Brasil e ao fazê-lo aponta o Oeste como fora do país, logo aqueles que habitam o Oeste não são habitantes do Brasil e os que nasceram no Oeste não são do Brasil.

Marchar para o oeste significa, entre outras coisas, desenvolver a navegação e navegar para o Oceano. Mas, pela direção indicada, para se chegar ao Oceano é necessário transpor os países vizinhos. Desenvolver essa “rede interna de navegação” é transformar os rios atingidos por ela *na mais vasta e fecunda via de progresso do Planeta*. Nessa relação a palavra “progresso” aparece, pela segunda vez no texto, a propósito de via fluvial, pois, *a rede interna de navegação internacional, (...) transformará os rios (...) na mais vasta e fecunda via de progresso do Planeta*. *Via* reescreve rios, a *rede interna de navegação*. O progresso referido é *do Planeta*. Desse modo, o que vem a ser *via* faz parte do que compõe o *progresso do planeta*. Temos então: progresso | *via*.

O nome “marcha para o Oeste” aparece novamente e da seguinte forma: *em cada ponto de escala da grande via líquida, surgirá um núcleo de irradiação da marcha para Oeste*. Mais uma vez “via” aparece em “via líquida” como reescritura de rio. Existem outras vias que a “marcha” percorre e que não são líquidas, mas é a “via líquida” que permitirá o avanço da “marcha para o Oeste” e que permitirá surgir núcleos de *irradiação da marcha para Oeste*.

O nome “marcha para o Oeste”, na seqüência do texto aparece reescrito por condensação por “nessa marcha”. O nome ocorre numa expressão afirmativa da seguinte forma: *Nessa marcha, dezenas de milhares de selvagens brasileiros, que habitam as florestas, serão conduzidos à civilização para cooperarem pela grandeza do Brasil.* Além das outras competências atribuídas à “marcha para o oeste”, nessa seqüência é atribuída a de condução dos *selvagens brasileiros à civilização*. Os selvagens são aqueles que habitam as florestas, os índios e outros. A marcha se direciona ao Oeste, onde estão as florestas habitadas pelos selvagens. Há uma oposição presente em “selvagens brasileiros” e “civilização” em que somente o “selvagem” é determinado por “brasileiro”, mas somente o que é civilizado contribui para a grandeza do Brasil. A marcha é, então, a responsável por tornar os “selvagens” “civilizados” para que assim possam colaborar com a grandeza do Brasil que ocorrerá após a marcha e a condução dos selvagens à civilização.

Pelas relações estabelecidas a civilização é composta por aqueles que são do litoral, pois em outra passagem há uma seqüência a propósito da marcha e dos habitantes do Brasil que diz que *a marcha será feita pelo recalçamento das massas humanas do litoral sobre as do centro do país.* Desse modo, “as massas humanas do litoral” seria uma reescritura de “civilização” e “as do centro do país” uma reescritura de “selvagens brasileiros”. É possível apresentar o seguinte DSD:

selvagens   brasileiros	Civilização – do Brasil
-------------------------	-------------------------

É na “marcha para o Oeste” que ocorrerá a retirada dos “selvagens brasileiros” das florestas e sua inserção na “civilização”. A marcha é, então, a responsável por tornar os “selvagens brasileiros” “civilizados” para que assim possam colaborar com a grandeza do Brasil que ocorrerá após a marcha e a condução dos selvagens à civilização; ou, em outro momento, pelo recalçamento do selvagem pelo civilizado. Desse modo, o selvagem dificulta a realização da marcha e a evolução do Brasil, por isso deve ser “conduzido à civilização”, enquanto o civilizado é o responsável pela marcha e pela grandeza do país.



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

Conforme Guimarães (2004b), ao analisar o sentido de civilização na linguística brasileira do século XX, enquanto fato da história brasileira o selvagem é do domínio antonímico de civilização, e a ignorância e o selvagem (primitivo) são uma questão do Brasil enquanto lugar de litígio entre a civilização (educada) e a ignorância dos povos originários do Brasil.

Desse modo, há no texto o “selvagem brasileiro”, aquele que habita o sertão (originário do Brasil), e o civilizado “do Brasil” o que habita o litoral. Isso nos remete ao memorável da colonização, pois aquele que se localizou no litoral é o português, o europeu; “a civilização é o que identifica o Brasil e sua língua por serem ambos determinados pela Europa, pela colonização” (GUIMARÃES, 2004b)

A próxima reescritura de “marcha para o Oeste” a apresenta numa expressão a propósito do Brasil, em que *O Brasil resolvendo diretamente o seu grande problema da marcha para Oéste, concorrerá indiretamente para o imediato progresso de povos vizinhos*. O Brasil tem um problema e a marcha para o Oeste também. Desse modo “grande problema” predica ao mesmo tempo Brasil e “marcha para o Oeste”. Esse problema sendo resolvido “diretamente” pelo Brasil *concorrerá indiretamente para o imediato progresso de povos vizinhos*. Nessa expressão a palavra progresso aparece predicada por imediato e não se trata de qualquer progresso, mas do progresso de “povos vizinhos”.

Há uma oposição entre *diretamente* e *indiretamente*, em que *indiretamente* se refere ao progresso dos povos vizinhos e *diretamente* se refere ao progresso do Brasil. Desse modo, o progresso dos povos vizinhos está vinculado ao progresso do Brasil. O progresso referido aqui será do Brasil, será uma contribuição aos “povos vizinhos”, mas em outras passagens do texto, ele será também do Oeste, do Brasil, da América do Sul e do Planeta.

Ocorre uma nova reescritura da “marcha para o Oeste” que aparece numa pergunta a propósito da solução do problema da marcha. Solução que é melhorar a “grande via” que aparece como oposição ao passado desde os Jesuítas, no século XVII até Couto de Magalhães, em 1868. Couto de Magalhães está reescrito por “um brasileiro” e qualificado por *ilustre e destemeroso, patriota e audaz*, um brasileiro que “sem recursos” *fez, varias vezes, essa travessia de milhares de léguas*. “Travessia de milhares de léguas” está no texto como reescritura de “grande via”, porém como diferença já que a “travessia de milhares de



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

léguas” ocorreu “sem recursos” enquanto que a “grande via” deve ser utilizada *na época da eletricidade, do motor de explosão e do rádio*.

Há uma oposição entre a “ausência” e a “presença” de recursos que nos possibilita dizer que na época da “grande via” há recursos e esses recursos são a *eletricidade, o motor de explosão e o rádio*. Esses recursos podem ser aplicados para melhorar “essa grande via” que deverá ser utilizada na *marcha para o Oeste e ao progresso*. Então o que favorece a “marcha” favorece o “progresso”. Dessa maneira, *marcha para o Oeste* | grande via | progresso (*grande via está determinando o “progresso” e a “marcha para o Oeste”*), e *marcha para o Oeste* | progresso | *marcha para o Oeste* (a “marcha para o Oeste” está determinando o “progresso” que também determina a “marcha”) que não é um progresso qualquer, mas o progresso da América do Sul, ou seja, não só do Brasil.

*Se um brasileiro ilustre e destemeroso, patriota e audaz, no desconhecido, no meio do mais cerrado sertão do Mundo, povoado de feras e índios bravios, sem recursos outros que não fossem a sua bravura, a sua energia e a sua resistência física, fez, varias vezes, essa travessia de milhares de léguas, por que nós, na época da eletricidade, do motor de explosão e do rádio, não poderemos melhorar essa grande via, fazer as indispensáveis ligações e aplica-la na marcha para Oéste e ao progresso da América do Sul?*

Depois da solução apresentada em favor da “marcha para o Oeste” a marcha aparece agora numa expressão argumentativa em favor *dessa solução*, em que sem ela, *a marcha para Oéste só será realizada pela segunda ou terceira geração vindoura depois do ano de 2000, quando o Brasil possuir população que ultrapasse de 100 milhões de habitantes*. A “marcha” é agora referida como ainda não ocorrendo, havendo uma contradição com o título que afirma sua ocorrência, uma vez que apresenta uma proposta “Como tornar prática a marcha para o oeste”. Pelo exposto mais ao final do texto a



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

“marcha para o Oeste” poderá vir a ocorrer somente quando a população brasileira atingir um índice demográfico elevado que provoque a necessidade da entrada para o sertão.

Como seqüência e confirmação ao anteriormente dito em relação à “marcha para o Oeste” ela aparece reescriturada por substituição (GUIMARÃES, 2002) da seguinte forma: *a marcha será feita pelo recalçamento das massas humanas do litoral sobre as do centro do país*. Mais uma vez a “marcha” é referida como ainda não acontecendo e reforça a argumentação anterior de que caso a solução sugerida, de investir numa rede interna de navegação, não seja efetivada a “marcha para o Oeste” somente ocorrerá depois de mais de 60 anos. Nesse caso, *massas humanas* está reescrevendo *população*, e a “marcha para o Oeste” somente ocorrerá quando a população atingir 100 milhões de habitantes, e buscar, por necessidade, novos espaços. Havendo a sobreposição da população do litoral, civilizada, sobre a do sertão, selvagem.

A “marcha para o Oeste” aparece reescriturada novamente por substituição “uma marcha” e numa expressão que trata dos resultados dessa marcha que não serão imediatos, mas trarão benefícios às “gerações vindouras”. A marcha deve ser iniciada, pois está numa época de dinâmica social.

*Mas, não se cogita de resultados imediatos – a época é de dinâmica social, é de iniciar uma marcha cujos proventos deverão gozar as gerações vindouras.*

Outra reescritura de “marcha para o Oeste” ocorre numa expressão a propósito do Brasil e em relação aos investimentos necessários para *ligar a bacia do Amazonas à bacia do Prata*. A marcha é reescriturada por “um objetivo civico”. Mais uma vez está sendo afirmada a não ocorrência da marcha que está qualificada como um objetivo. A realização da marcha está condicionada à ligação entre as bacias do Amazonas e do Prata. A ligação dessas bacias permitiria a realização da “marcha para o Oeste” e proporcionaria ao Brasil “dentro de vinte anos” *colher os proventos desse capital*.

O texto apresenta no parágrafo seguinte a palavra região como reescritura de Oeste, qualificada por imensa e (numa situação de abandono) por abandono. Desse modo, temos: imensa | região – Oeste | abandono. No mesmo parágrafo a palavra progresso está



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

articulada a grandeza e riqueza. Esses nomes aparecem numa relação de sinonímia e determinando região. Ou seja: grandeza – riqueza – progresso † região. Porém, esse progresso depende da ligação entre as bacias do Amazonas e do Prata, ou seja, do investimento de “2 milhões de contos de réis” que o Brasil teria que fazer.

A palavra “região” funciona aqui como em dois momentos distintos. É um nome em determinações antonímicas. No primeiro momento, antes de ocorrer a “marcha para o Oeste”, tem-se:

Imensa † região – Oeste † abandono

No segundo momento, após a ocorrência da marcha, tem-se:

grandeza † região – Oeste † progresso  
‡  
riqueza

Desse modo, podemos ver um funcionamento antonímico do nome, como representado pelo DSD abaixo:

abandono † região – Oeste † imensa
grandeza † região – Oeste † progresso ‡ riqueza

Ocorrem outras duas reescrituras de “marcha para o Oeste”, por repetição, da seguinte forma “na marcha para o Oeste” e “da marcha para o Oeste”. Essas reescrituras ocorrem em expressões argumentativas em favor da marcha e como negação a um passado em que a marcha poderia ter sido realizada e não ocorreu por falta de investimentos financeiros também destinados à navegação, como nesse momento em que os investimentos são fundamentais para a ligação entre as bacias do Amazonas e do Prata construindo uma rede interna de navegação.

Esse texto apresenta Couto de Magalhães<sup>4</sup> como o primeiro responsável pela “marcha para o Oeste”, desse modo, a marcha já foi iniciada em outros momentos, porém não houve continuidade. Como argumento à marcha o Presidente Vargas é apresentado como um substituto, um “novo Couto de Magalhães” que *fará ressurgir a obra do grande pioneiro da marcha para Oéste*.

A partir das observações realizadas é possível apresentar o seguinte DSD:

<p>progresso      progresso      progresso</p> <p>⊥                  ⊥                  ⊥</p> <p>rede de navegação ⊥ marcha p/ o Oeste ⊥ Brasil – do Brasil</p> <p>                         ⊥                  ⊥</p> <p>                         rio - via      civilização</p>	<p>imensa ⊥ região – Oeste ⊥ abandono</p> <p>                         ⊥</p> <p>                         selvagem ⊥ brasileiros</p> <hr/> <p>                         Brasil</p> <p>                         ⊥</p> <p>                         grandeza ⊥ região – Oeste ⊥ progresso</p> <p>                         ⊥</p> <p>                         riqueza</p>
---	---

## Considerações finais

<sup>4</sup> José Vieira Couto de Magalhães foi um escritor mineiro, folclorista, tendo sido Presidente das Províncias de Goiás, Pará, Mato Grosso e São Paulo. Foi o responsável pela derrota dos paraguaios quando invadiram Mato Grosso.



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

As análises realizadas nos permitiram observar que o sentido de “marcha para o oeste” está determinado por rio, via, rede de navegação como formas de acesso ao Oeste que, pelas relações apresentadas, traz um sentido de isolamento pela distância e pela falta de acessibilidade.

É interessante observar que a marcha está determinada também por “Brasil” e “do Brasil” que se refere ao povo “do Brasil” (civilização), mas que difere de “brasileiros”, pois “brasileiros” está determinado por “selvagem”, aquele que habita o Oeste, sendo que o Oeste está fora do Brasil. É como se houvessem dois países. Um que fica no Oeste, ocupado pelos “brasileiros”, e outro, o Brasil, ocupado pela “civilização”, que fica no litoral. Então, o sentido de “marcha para o Oeste” está determinado também pela oposição entre “selvagem brasileiro” e “civilização”, o que possibilita observar que a marcha traz também o sentido de um processo civilizatório para o “Oeste selvagem”, que se encontra “abandonado”.

A expressão “marcha para o Oeste” determina “progresso” e é determinada pelo “progresso”. A palavra “progresso” ocorre também determinando “Oeste” que está em uma relação antonímica, sendo em um momento determinada por “abandono” e em outro por “progresso”. “Oeste” está também, em um momento sendo determinado por “selvagem” e em outro momento determinando o “Brasil”. O sentido de progresso da marcha tem uma antonímia com “sertão” determinado por “selvagem”. Há, então, um conflito no domínio do que determina a marcha.

Observamos que há um sentido de progresso determinando a “marcha”, mas ela traz também o sentido de conquista e de domínio do Oeste pelos civilizados, que são os habitantes do litoral, e que vão “conquistar” esse território para facilitar a intervenção do Estado que é representado pela figura do seu Presidente, naquele momento, Getúlio Vargas. Diante do exposto, observamos que embora haja esse sentido de progresso determinando a “marcha”, o progresso ainda não se manifesta no Oeste.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral I*: tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luísa Néri: revisão do prof. Isaac Nicolau Salum – 5ª edição – Campinas, SP, Pontes Editores, 2005.

BERMAM, Marshal. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BÔAS, Orlando Villas e Bôas, Cláudio Villas. *A marcha para o Oeste*. 4 ed. São Paulo, SP, Globo, 1994.

DUCROT, Oswald. In *O dizer e o dito*. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas, SP, Pontes, 1987. 161-222 pp.

GUIMARÃES, *Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas, SP, Pontes, 2002

\_\_\_\_\_. *História da semântica: sujeito, sentido e gramática no Brasil*. Campinas, SP, Pontes, 2004.

\_\_\_\_\_. Bairro: a especificidade de um nome abstrato. (in) MORELLO, Rosângela (org.) *Giros na Cidades: saber urbano e linguagem*. Campinas, SP, LABEURB/NUDECRI - UNICAMP, 2004a.

\_\_\_\_\_. Civilização na Lingüística brasileira no século XX. In: *Matraga*. Rio de Janeiro, UERJ, 2004b.

\_\_\_\_\_. Semântica e Pragmática In: *Introdução às Ciências da Linguagem: A palavra e a frase*. GUIMARÃES, Eduardo e ZOOPI-FONTANA, Mônica (orgs.). Campinas, SP, Pontes Editores, 2006.

\_\_\_\_\_. *Análise de texto: procedimentos, análises, ensino*. Campinas, SP, Editora RG, 2011.

LE GOF, Jacques. Antigo/Moderno, In: *História e memória*, tradução Bernardo Leitão [et al.]. – 5ª ed. – Campinas, SP, Editora da Unicamp, 2003.

LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. 2ª ed. Campinas, SP, Papirus, 1986.

MARIANI, Bethânia Sampaio Corrêa. Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória). In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). *Discurso fundador*. Campinas, SP, Pontes 2ª edição, 2001.



Vinculada ao Curso de Letras: Licenciatura e Bacharelado e ao Programa de Mestrado em Letras  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Unidade Universitária de Campo Grande – MS

ORLANDI, Eni P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 2. ed. Campinas – SP, Pontes, 2000.

TAUILE, José Ricardo. *Para (re)construir o Brasil contemporâneo: trabalho, tecnologia e acumulação*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.